
Aquisição de expertise musical por meio de MOOCS: notas preliminares de um estudo de caso

Acquisition of musical expertise through MOOCS: preliminary notes of a case study

Priscilla Normando

Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília, Brasil

Resumo

O estudo investiga o uso da internet para a aquisição de expertise e construção de relevância social por meio de plataformas web, concentrando-se na música e ecossistemas digitais formados por musicistas e pessoas ligadas à música. A partir das experiências de usuários e das plataformas denominadas MOOCs (Massive Open Online Courses) e a aplicação que fazem do que aprendem nos cursos frequentados e nos usos de outras plataformas para criar, produzir e divulgar músicas e performances musicais. Partindo do macroambiente do capitalismo de plataforma e seus ecossistemas digitais estão sendo descritas as relações entre cursos ofertados e habilidades adquiridas pelos participantes. Os dados são coletados em plataformas web para aprendizado, colaboração, compartilhamento e distribuição de conteúdo e artefatos digitais por meio de autoetnografia e de netnografia. A pesquisa de campo está em andamento desde o segundo semestre de 2017. Logo, trata-se da apresentação de resultados preliminares a partir da coleta em um curso ofertado pela Faculdade de Música de Berklee por meio do agregador de MOOCs Coursera – Introdução a Guitarra. As primeiras considerações sobre as notas são da necessidade de incluir a relação dos afetos nos estudos sobre ensino a distância e o estudo das *expertises, também de aumentar o estudo das interfaces entre as duas áreas.*

Palavras-chave: capitalismo de plataformas, ecossistemas digitais, plataformas web, mooc, música

Suggested citation:

Normando, P. (2018). Aquisição de expertise musical por meio de MOOCS: notas preliminares de um estudo de caso. In J.C. Tovar-Gálvez (Ed.), *Trends and challenges in Higher Education in Latin America*, (pp. 20-30). Eindhoven, NL: Adaya Press.

Abstract

This study investigates the use of the internet for the acquisition of expertise and building of social relevance on web platforms. Focusing on music and digital ecosystems formed by musicians who use platforms known as MOOCs (Massive Open Online Courses) and the application of what they learn in courses attended and uses of other platforms to create, produce, and disseminate music and musical performances. Starting from the macroenvironment of platform capitalism and its digital ecosystems are being described the relationships between courses offered and skills acquired by the participants. The data were collected on web platforms for learning, collaboration, sharing, and distribution of content and digital artifacts through autoethnography and netnography. Field research has been underway since the second half of 2017. Soon, it is the presentation of preliminary results from the collection in a course offered by the Berklee School of Music through the MOOCs Coursera - Introduction to Guitar aggregator. The first considerations about the notes are the need to include the relation of affections in the studies on distance learning and the study of the expertise, as well as to increase the study of the interfaces between the two areas.

Keywords: platform capitalism, digital ecosystems, web platforms, mooc, music.

Introdução

O estudo investiga o uso da internet para a aquisição de expertise e sua aplicação por meio de plataformas web, concentrando-se na música. A partir das experiências de usuários e das plataformas denominadas MOOCs (Massive Open Online Courses) e a aplicação que fazem do que aprendem nos cursos frequentados e nos usos de outras plataformas para criar, produzir e divulgar músicas e performances musicais. Pretendo abordar uma parte do macroambiente que denomino capitalismo de plataforma e seus ecossistemas digitais, assim como abordar as perspectivas de músicos formados nessas plataformas.

O macroambiente em que o objeto deste texto está inserido são as plataformas informacionais que funcionam na web. Elas possuem como característica principal o objetivo de mediar pessoas em suas relações com outras pessoas. Em geral, são serviços online de intermediação par a par. São como intermediárias entre fornecedores e consumidores, na tentativa de eliminar alguma cadeia de atravessadores ou de abrir, como no caso dos MOOCs, ciclos internos e externos de detenção, construção, produção e divulgação de informação ou conhecimento. Estão fundamentadas em cinco conceitos delineadores de seus modelos de negócio: o p2p (per to per ou comunicação par a par); a *linkagem* de conteúdos e, conseqüentemente, de plataformas; o compartilhamento; a disrupção tecnológica; e o design universalista – ideal de que existe a possibilidade

de estabelecer a forma de um artefato técnico informacional e de produzir conteúdo que possa ser compreendido e utilizado por qualquer pessoa em qualquer lugar. São exemplos dessas plataformas, o Spotify, o Uber, o SoundCloud, o Netflix, as Fintechs, o Facebook, a suíte Google, o AirBnB, o Youtube. Uma característica importante é a diversidade de aplicação desses princípios para construir plataformas web para as mais diversas áreas, desde a venda de óculos até ferramentas de ensino-aprendizagem (Google for Education, MOOCs). Essas plataformas são formuladas pelas vias da Ideologia Californiana ou Ideologia do Vale do Silício, a qual é normalmente classificada como um tipo de neoliberalismo ou como uma das sementes para um novo sistema de produção pós-capitalista (Rifkin, 2013).

De acordo com Cingolani (2016), o uso das TICs, por conseguinte o desenvolvimento de plataformas web, se tornou instrumento considerado aliado nas organizações que produzem o senso de disciplina pela via do discurso de gerar resultados. No caso das instituições alinhadas a Ideologia do Vale do Silício, procuram estabelecer o discurso de poder não mais por meio de regras formais e hierarquia mas por meio da “horizontalização” dos postos de trabalho, com a responsabilização individual no lugar de poder, comando e controle. Trata-se do discurso faça por você mesmo e cada um poder ser um empreendedor individual em lugar de um empregado ou funcionário.

A apreensão dos conhecimentos tácitos e a tentativa de colocá-lo disponível para todos os membros de uma comunidade de forma aberta é outra característica do metadiscurso que dá vazão ao ideário pós-moderno sobre o uso das TICs. Mesmo os processos industriais vem tendo seus códigos abertos. O papel social de universidades e centros de pesquisa vem sendo questionado, especialmente sobre em que aspectos a sociedade poderá fazer uso dos conhecimentos que produzem. O conhecimento adquirido por meios informais tende a ser visto como horizontal ao que foi adquirido por meios formais (Zuckerfeld, 2013; Zapata-Ros, 2015). Nesse cenário surgiram, no final da década de 2000, os MOOCs.

MOOCs

Os *Massive Open Online Courses (MOOCs)* – Grandes Cursos Abertos Online – são uma modalidade de ensino a distância em que instituições de ensino prestigiadas, intelectuais e pesquisadores reconhecidos em suas áreas e corporações ofertam cursos pela internet seguindo os mesmos moldes das plataformas web descritas acima. As plataformas que ofertam os cursos funcionam como condomínios, nos quais as categorias dos cursos são divididas por áreas de conhecimento. As instituições ofertantes são responsáveis pela produção do conteúdo de acordo com a estrutura estabelecida pela plataforma, mas há apenas a intermediação entre quem elabora e quem assiste ao curso.

O conteúdo é aberto, qualquer pessoa pode se inscrever e começar a frequentar um curso, caso o usuário queira um certificado paga uma taxa que possui um custo quase irrisório perto do que custaria um curso presencial na mesma instituição, com o

mesmo professor. Ao fim, as plataformas MOOC obedecem aos mesmos princípios de plataformas como Uber, Facebook ou AirBnB (Carvalho, 2016)¹: o conteúdo é compartilhado e aberto, o desenho é padrão, há um fornecedor e um consumidor que não são parte (empregados ou donos) da instituição que mantém a plataforma – ou seja, não há produção de conteúdo pela instituição dona da plataforma, mas apenas pelos usuários da plataforma. Outra característica importante é que os usuários são levados a utilizar outras plataformas para se comunicar e para fazer as atividades necessárias a finalização do curso frequentado. Estabelecendo assim um ciclo de comunicação e interação entre usuários por meio da plataforma, mas sem que seus responsáveis produzam qualquer dos conteúdos que utilizam para alçar lucros e ganhos.

Os MOOCs também são um tipo de tecnologia de informação, comunicação e expressão aplicados a educação; são a parte da educação no ciclo das chamadas tecnologias ou plataformas *disruptivas* ou ambientes hipermídia, assim podendo ser classificados como ambientes hipermídia para a “autoaprendizagem”. São empresas digitais – *start-ups* – que gerenciam cursos online por meio de sistemas de gerenciamento de ensino – LMS na sigla em inglês. Possuem desenho instrucional rígido e fundamentado em um círculo interativo que mescla vídeos, fóruns, grupos em redes sociais, uso de outros softwares (em sua maioria softwares livres), outros sites para publicação e coleta de material, criação de sites próprios, wikis, e-mails, podcastings, plataformas de vídeos como o youtube, salas de bate-papo para interação síncrona.

Esse ciclo de interação já era utilizado a partir de outros LMSs como a congregação entre Moodle e Second Life (Dreyfus, 2012) e Wiki desde o início dos anos 2000. Período uma década anterior ao surgimento dos MOOCs. Uma pergunta a se fazer é: o que haveria, então, de disruptivo nos MOOCs? A resposta estaria em dois termos: conectivismo (ou aprendizado por conectividade) e coprodução direcionada de conhecimento, logo que as duas práticas, vistas como práticas pedagógicas, associadas seriam responsáveis pela produção de currículos orgânicos para cursos e projetos em educação. Práticas que fazem uso das características de distribuição e horizontalização informacionais e tecnológicas típicas dos primórdios da World Wide Web. Duas perspectivas, altamente entrelaçadas, são importantes para a compreensão do alcance desse tipo de visão, uma diz respeito às questões políticas do *conectivismo* e da coprodução; a outra diz respeito a construção de novos tipos de cognição e leitura de mundo.

Tanto o conectivismo quanto a coprodução pressupõem redes distribuídas e a horizontalização na produção de conhecimento. Muitas vezes, como no caso das metodologias ativas, há a inversão dos lugares de produção. As novas teorias da aprendizagem e educação pressupõem os ‘entornos conectados’ e professores que sejam capazes de fazer a curadoria do que está nestes entornos, se antes havia uma sala separada em um prédio específico onde o conhecimento era repassado de forma sistemática e controlada, com o uso das plataformas há a lógica da não separação entre o aprender formal ou sistemático e as experiências com o mundo (Zapata-Ros, 2015). A isso pode-se chamar de ubiquidade na leitura de mundo e na aprendizagem.

¹ A referência citada acima trata da plataforma Facebook e realiza o mesmo tipo de análise do ponto de vista da ausência de produção de conteúdo para o site.

Santaella (2014) estabelece que há um novo tipo de leitura que transita pela grande rede, a leitura prossumidora – a leitura que produz e consome, ao mesmo tempo, textos e multimídia. Essa leitura é performada por um tipo de leitor que navega pela rede com a “prontidão cognitiva de orientar-se” entre a geografia física – os espaços físicos – e a geografia virtual – os espaços da web. A este tipo específico pessoa a autora chama de leitor ubíquo.

A autoformatação da aprendizagem ubíqua pode significar processos caóticos e espontâneos de formação, sem nenhum tipo de sistematização do que está sendo aprendido. Esse tipo de aprendizagem é diferente da metodologia conhecida como educação à distância e suas vertentes mais contemporâneas, o e-learning (aprendizagem em ambientes virtuais) e o m-learning (aprendizagem em ambientes móveis). No caso da aprendizagem ubíqua todas as modalidades de tecnologias de leitura e de ensino-aprendizagem apresentadas por Santaella estão presentes: livros, apostilas, educação a distância, e-learning, m-learning. Além, do contato síncrono e assíncrono com outras pessoas. Os MOOCs tentam, de certa forma, prover plataformas que se pareçam com um ambiente mais ubíquo que especializado. Vê-se pela quantidade e variedade de temáticas e cursos apresentados. O acesso aberto permite a qualquer pessoa entrar no curso e fazê-lo de acordo com a própria demanda (Almeida, 2015).

O saber coextensivo que se forma por meio de uma espécie de inteligência coletiva – uma soma do conectivismo com a coprodução de conteúdo que fundamentam a metodologia dos MOOCs – se faz por meio de um tipo de leitor distinto de outras fases da denominada “era da escrita”. A transição desse processo de leitura pode ser compreendido para outras áreas e linguagens, tal como a música.

Música, Aquisição de *Expertises* e *Ecossistemas Digitais*

A cadeia de valor da música e a formação musical foi uma das primeiras áreas a sofrer explicitamente as mudanças causadas pela era informacional. A divisão tradicional de tarefas, em que o negócio da música era delegado a uma grande gravadora e cabia aos músicos apenas dominar a técnica musical propriamente dita está a cada dia mais diluída. O autor aponta para a necessidade de que músicos aprendam sobre gerenciamento, produção, tecnologia de informação, marketing digital, dentre outras habilidades informacionais (Zuckerfeld, 2013). Ampliando e modificando as necessidades de aprendizado musical e inserindo a expertise musical nos domínios da leitura ubíqua de mundo, dos ecossistemas digitais e da cultura do “faça você mesmo”.

Esses três aspectos emergem pela presença das interfaces gráficas na web e por ferramentas que permitam o fluxo contínuo de informações e a interconexão de dados de um mesmo usuário (id) entre diversas plataformas formando uma espécie de ecossistema. Os espaços virtuais se tornaram locais de conversação aglomerada e de presença contínua e parcial nesses espaços por meio das identidades digitais (ids). Para Santaella (2014), um exemplo de manifestação material desse tipo de leitura é a cultura do “Faça

“você mesmo”, a qual consiste em procurar por tutoriais, manuais e cursos que ensinem a pessoa a fazer ela mesma algo que necessita ou simples queira. No caso da música, há a proliferação de canais de conteúdo, inclusive com músicos famosos ensinando com tocar as próprias músicas. Como exemplo brasileiro podemos apontar o canal no YouTube do cantor e compositor Lenine².

A fragmentação da aprendizagem neste contexto está caracterizada pelo híbrido de presença entre o mundo real e o mundo virtual, em um movimento caótico e contingente dos ids. Para Santaella (2014) um conjunto completo de experiências imersivas parece desnecessário logo que é possível prover o próprio aprendizado conforme há demandas por fazer as coisas. Uma espécie de aprendizagem sem ensino e, também, sem muito espaço para a reflexão e vasta em nomadismos. Desta maneira, a aprendizagem também se torna ubíqua, parcial e fragmentária, além de gerar discursos e subjetividades em contínua mutação que praticam a autoformação.

Por outro lado, Collins (2009) argumenta que o processo de emergência de expertises necessita de um processo completo de imersão no ambiente especializado. A iniciação no mundo dos especialistas e a convivência nele culminando com a socialização da pessoa exige a presença de um corpo completamente imerso e atento às condições tácitas do conhecimento. Exigindo algum tipo de materialidade no processo de ensino-aprendizagem. No caso da música, a relação com o contexto influencia por completo não só a forma como se aprende, mas também a forma como se toca, logo que a música é uma área de criação e performance (Galvão, 2006).

Caberia, então, a pergunta se em um ambiente hipermídia o que se propõe leva a formação de um corpo educativo ou leva a um conjunto de interações que espera fazer uma espécie de autopoieses da aprendizagem. Limitando o processo proposto a uma parte de uma das dimensões da educação e não sua integralidade como seria necessário para a aquisição de expertises (Dreyfus, 2004; Zuckerfeld, 2013; Collins, 2009).

Isso porque a educação possui três pilares fundamentais: qualificação, socialização e subjetivação. A dualidade ensino-aprendizagem é a parte da qualificação, se posto sobre as pessoas que aprendam sozinhas ou por si, a dualidade se torna a aprendizagem ou talvez o auto ensino-aprendizagem. O auto-didatismo é muito comum entre músicos, inclusive. Porém, há um esquecimento do sentido de integração necessário à convivência ou aquisição de certo modo de vida, da capacidade de viver no grupo social que domina aquilo que é aprendido. Zuckerfeld (2013), aponta que a melhor forma de definir um músico é saber em que contexto vive, qual o seu modo de vida. Ainda, os afetos que perpassam os processos, já levantados por autores como Spinoza e Rousseau, para a formação da vontade e do amor-próprio. Entendidos pelas teorias do desenvolvimento como fundamentais à formação das pessoas e apontado por Galvão (2006) como imprescindíveis para a emergência das *expertises musicais*.

Os afetos afetam o corpo que afeta a razão, sem a atenção a essas três dimensões não seria possível aprender, colocando o grande desafio para o chamado ensino a distância e conseqüentemente para os MOOCs. As agências humanas e não-humanas se tornam distintas nesse tipo de ensino, assim também se tornam distintos os afetos, em

² <https://www.youtube.com/user/Lenineoficial/featured>

sentido espinosiano. Como fazer com que o fenômeno da educação ocorra sem a presença, a interação, a imersão, a retroalimentação de que outros ambientes educacionais dispõem? Inclui-se aqui as redes de colaboração e cooperação constituídas a partir do contato nesses ambientes. As comunidades e modos de vida em que a pessoa é inserida ou constrói pela imersão nos ambientes concernentes a onde, quando e como se forma.

Notas preliminares sobre o aprendizado de música por meio de MOOCS

Em 2013, o periódico *The Chronicle of Higher Education* elaborou uma pesquisa³ com os professores que preparam os cursos. Como um dos principais resultados a pesquisa aponta que os professores mudaram de opinião sobre a educação online com a experiência de elaborar cursos para os MOOCs. Mais de noventa por cento são dos professores se declararam entusiastas da modalidade de EAD, especialmente no que tange a diminuição dos custos com educação superior. No entanto, mais 75% dos professores declara que os estudantes que estudam nos MOOCs não seriam capazes de aprender de forma suficiente para receber créditos acadêmicos. Também, 66% dos respondentes declarou que não acredita que suas instituições de ensino darão créditos acadêmicos para disciplinas cursadas via MOOC. Crenças diametralmente opostas às relações entre aprendizagem e leitura ubíqua e imersiva.

Cada curso leva em média cem horas para ser elaborado, incluído a gravação de vídeos e atividades propostas. Vídeos originais e recursos educacionais abertos, incluindo softwares livres, são a maior parte do trabalho na produção dos cursos, ocupam certa de 97% das horas trabalhadas. Essas horas são habitualmente usadas em detrimento das outras atividades acadêmicas como pesquisa, serviços burocráticos ou ensino presencial.

O índice de sucesso de estudantes matriculados em MOOCs é de cerca de sete por cento. Inversamente proporcional ao índice dos cursos presenciais tradicionais em universidades (Chandrasekaran, 2015). Ainda assim o número de plataformas e de pessoas inscritas nos cursos não para de crescer. De acordo com o *Online Course Report* e o agregador de MOOCs [class-central.com](http://www.class-central.com), em 2016, os MOOCs possuem cerca de 58 milhões de estudantes registrados em 6580 cursos ofertados por cerca de 700 universidades⁴. Crescimento de mais de oitenta por cento em oito anos.

De acordo com pesquisa conduzida pelo Lytics Lab⁵ da Universidade de Stanford (Kizilcec⁶, 2017), traçou o perfil das pessoas que se matriculam nos MOOCs – dados de 2012 a 2015. A maioria das pessoas que se inscrevem nas plataformas é oriunda dos países considerados desenvolvidos – 61%. Independente do país de origem as pessoas que se matriculam são do gênero masculino e pertencem a camadas sociais privilegiadas. Em geral, possuem educação formal acima para média de seu país para a faixa

³ <http://www.chronicle.com/article/The-Professors-Behind-the-MOOC/137905/#id=results>

⁴ <https://www.class-central.com/report/mooc-stats-2016/>

⁵ <https://lytics.stanford.edu/>

⁶ <http://news.stanford.edu/2017/01/19/brief-interventions-help-online-learners-persist-coursework-stanford-research-finds/>

etária. Outro ponto importante apontado pelo estudo é a necessidade de fluência em língua estrangeira.

Kizilcec (2015) afirma que essas características demonstram que os benefícios do modelo de desenho instrucional dos MOOCs não é equitativamente distribuída entre os participantes. Especialmente aqueles oriundos de países “menos desenvolvidos”. Por esse motivo, uma segunda parte do estudo foi realizada por meio de experimentos de intervenção durante o curso. Mostrou-se um fator essencial para este projeto, a alta evasão nos cursos possui sua base em barreiras cognitivas e motivacionais.

Apesar das questões de infraestrutura de internet, educação formal e fluência idiomática serem as mais óbvias foram “sentimentos de inadequação social” que se mostraram cruciais tanto para a finalização de um curso – os autores do estudo consideram terminar o curso o aprendizado bem-sucedido, posição diferente da adotada neste projeto – ou para a desistência do mesmo. Em miúdos, a explicação para a evasão está muito mais em fatores psicossociais do que em fatores relacionados à infraestrutura.

Um problema de identidade social, de acordo com o estudo citado, que consiste na sensação de ser menos capaz para realizar as atividades justamente por não pertencer a determinado grupo social. Um problema relacionado à diversidade que desafia o discurso relacionado às possibilidades universais ou globais que as plataformas procuram manter. A possível solução apontada pelo estudo é justamente a intervenção de tutores e professores de forma a fazer com as pessoas se sintam incluídas ao grupo. A plataforma por si e a participação apenas dos pares, não é se mostrou suficiente para o processo de ensino-aprendizagem. Cabe ressaltar que a intervenção apontada não é relacionada ao conteúdo em si, mas a recepção psicossocial das pessoas participantes. Logo, o ciclo interacional estabelecido deve prever atividades de integração dentro do ecossistema digital proposto. Coadunando com as teorias das *expertises* quando estabelecem que o processo de socialização é essencial para a construção do saber-fazer.

Para introduzir a questão da música no debate acima, utilizamos a imersão de pesquisa em um curso de guitarra ofertado para plataforma Coursera. O curso possui 6 semanas de duração e segundo o próprio programa⁷ cobre o essencial para começar a tocar violão e guitarra. A abordagem de conteúdo inclui a combinação de conhecimentos simplificados sobre o instrumento, técnica ou performance e teoria musical. Passando pelas partes do violão e da guitarra, como escolher um instrumento adequado, afinação, tipos de cordas, acessórios até o formato de escalas e acordes. O principal objetivo do curso é dar ao estudante os fundamentos para praticar as técnicas típicas do instrumento e alcançar o nível intermediário de conhecimentos, ou seja, que após terminar o curso seja capaz de tocar canções simples.

Apesar da divisão entre semanas todos os materiais do curso são disponibilizados de uma vez. Como descrito acima, as performances gravadas e postadas pelas participantes são avaliadas entre as próprias participantes. Outro ponto são os prazos de entrega das atividades avaliativas, caso a estudante perca o prazo final para entrega dos

⁷ <https://www.coursera.org/learn/guitar>

trabalhos, poderá se matricular em uma nova sessão do curso. Uma vez terminada uma sessão outra se inicia completamente e todas as atividades já finalizadas tem suas notas transferidas para a nova turma. De acordo com Sarah Poter (2015), isso dá a pessoa uma perspectiva de prazos para finalizar o curso assim como flexibilidade para que a pessoa possa terminar o curso quando for mais conveniente. O acesso aos materiais do curso é aberto, porém para receber certificado é necessário pagar uma taxa de cerca de 29 dólares estadunidenses.

Dois pontos sempre ressaltados é que o curso é como se fosse um livro interativo e que, em caso de dúvidas, a conexão com os outros colegas é a melhor maneira de tirar possíveis dúvidas. Da mesma forma, sempre há o convite implícito ou explícito para que estudantes compartilhem em redes sociais seus trabalhos. As próprias performances já são postadas por meio de uma rede social de música, a SoundCloud⁸. Inclusive em grupos do Facebook e outras redes sociais.

O perfil das pessoas que fazer o curso de introdução a guitarra segue a mesmo apontado acima: a maioria homens de classe média. As idades variam muito. Foi possível auferir uma grande variabilidade de níveis de formação anterior em música. Algumas pessoas afirmam já tocar guitarra, outras afirmam já tocar outros instrumentos e outras nunca tiveram contato com música ou outros instrumentos musicais. A grande maioria afirma, nos fóruns de debates e grupos, que o curso é proveitoso no sentido de apresentar a instrumento ou de dar chaves para o melhoramento das habilidades básicas no mesmo, independente do nível em que a pessoa esteja. A formação de redes de colaboração entre os estudantes é clara e as dificuldades tanto com a adaptação do corpo ao instrumento quanto com o uso das plataformas web são comuns. As desistências se dão, em geral, por essas dificuldades, apontando também para o sentido de inadequação ressaltado na revisão bibliográfica.

Metodologia

O campo em que a pesquisa está sendo realizada é prioritariamente sites hospedados na web. Em mapeamento prévio realizado via agregadores de MOOCs foram encontrados oitenta e oito cursos etiquetados para a área de música, disponíveis em novembro de 2016, fornecidos por cerca de vinte plataformas. As subcategorias são teoria, musicalização, instrumentos, composição, produção musical, computação para música e marketing e negócios em música. Em cada uma dessas categorias há a possibilidade de seguir uma trilha sugerida de cursos que prometem fazer formação completa para atuação na área. Várias ligações para outras plataformas são sugeridas, como o uso da rede SoundCloud e o uso de programas como Internet DJ Console.

Parto dos cursos disponibilizados nos sites que fornecem MOOCs para a área de música para a construção de um ecossistema digital feito a partir do que for disponibili-

⁸ <https://soundcloud.com/>

zado no curso e na participação da pesquisadora nos fóruns e comunidades criados para e por pessoas que participam dos cursos. Assim, a pesquisa mescla a metodologia da autoetnografia digital com a netnografia.

A netnografia é conhecida por estudar a dinâmica dos grupos sociais e dos indivíduos no meio digital (Amaral, 2017). Para esta pesquisa foi empregada para estabelecer o mapa dos ids e descrever como as pessoas estão utilizando os MOOCs para aprender expertises musicais. Como se trata de plataforma de hipermídia e também da necessidade de imersão no campo, foi associada a autoetnografia. Neste caso, me matriculei no curso e fiz as aulas, participei dos fóruns e atividades utilizando minha própria identidade digital.

A coleta dos dados é feita por meio de extração de postagens (webscraping) de pessoas envolvidas nos cursos via api de dados ou por robôs buscadores; participação nos cursos e montagem de ecossistema digital a partir do que é estudado nos cursos e coletado na pesquisa exploratória. Ainda, entrevistas semiestruturadas com músicos que atuam nessas plataformas e pessoas que frequentam os cursos. Essas entrevistas buscam dados sobre experiências fora dos ambientes web para comparação com as experiências realizadas via web.

Considerações

As pesquisas sobre EAD e Web possuem substancial literatura, assim como há vasta literatura a respeito das expertises. No entanto, há pouca bibliografia específica sobre os MOOCs e aprendizado on-line de música. O encontro entre esses estudos e suas temáticas levou a questionamentos sobre o corpo, o papel dos afetos em ambientes hipermídia e seus ciclos de interação.

São centrais as práticas vinculadas ao conectivismo e a coprodução de conhecimento em ambientes web de ensino, assim como é necessário considerar o tipo de leitor e aprendiz que emerge do uso de plataformas digitais. Dessa forma será acreditamos ser possível avançar nas teorias e estudos com respeito a relação ensino, aprendizagem e educação no século XXI.

Por se tratar de uma pesquisa ainda em andamento não foram realizadas análises detalhadas dos dados, entendemos que este texto constitui-se de notas de trabalho e não de uma pesquisa finalizada.

Referências

- Amaral, A., Natal, G., & Viana, L. (2017). Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Cadernos da Escola de Comunicação*, 1(6), 34-40.
- Carvalho, J. P. S. (2016). *Política em rede: um estudo de recepção no Facebook*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Católica de Brasília, Brasil.

- Cingolani, P. (2016). Capitalismo de plataforma: nuevas tecnologías de la comunicación e internacionalización del trabajo. *Boletín Onteiken*, 22, 42-47.
- Chandrasekaran, M. K. et al. (2015). Learning instructor intervention from mooc forums: Early results and issues. *Thirty Sixth International Conference on Information Systems, (ICIS)*, Fort Worth, USA.
- Churchill, R. P. (2014). The Ethics of Teaching and The Emergence of MOOCs: Should Philosophers Support the MOOC?. *Philosophy in the Contemporary World*, 21(1), 26-40.
- Collins, H., & Evans, R. (2012). *Repensando a expertise*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Dreyfus, H. L. A (2012). *Internet: uma crítica filosófica à educação a distância e ao mundo virtual*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Dreyfus, H. L. (2012). *Expertise intuitiva: para além do pensamento analítico*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Galvão, A. C. T. (2006). Cognição Emoção e Expertise musical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 169-174.
- Santaella, M. L. (2014). A aprendizagem ubíqua na educação aberta. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 7(14), 15-22.
- Zapata-Ros, M. (2015). Teorías y modelos sobre el aprendizaje en entornos conectados y ubicuos. Bases para un nuevo modelo teórico a partir de una visión crítica del “conectivismo”. *Teoría de la Educación. Educación y Cultura en la Sociedad de la Información*, 16(1), 69-102.
- Zuckerfeld, M. (2013). *Obreros de los bits: conocimiento, trabajo y tecnologías digitales*. Colección Ciencia Tecnología y Sociedad, Bernal: Universidad de Quilmes.

Priscilla Normando. Doutoranda em Sociologia na Universidade de Brasília, Mestre em Filosofia, Especialista em Análise e Engenharia de Sistemas. Trabalha com plataformas web há 16 anos em paralelo a experiência em aulas presenciais e a distância no ensino superior, cursos independentes e educação corporativa. Pesquisadora licenciada do Observatório de Tecnologias Sociais da Universidade de Brasília.
